







**Janela,
Janelinha...
Psicomotricidade
na primeira
infância: Corpo
e sujeito em
estruturação**

Zulema Garcia Yañez (org)

Julieta Jerusalinsky (org)

Alfredo Jerusalinsky

Claudia Beatriz Sykuler

Claudia Santos Jardim

Esteban Levin

Jean Bergès

Marika Bergès-Bounes

Silvia Saal

Vera Lucia de Mattos Nogueira

ágalma **30** anos

© dos autores, 1992, 1994, 1998, 2001, 2008, 2021, 2022, 2023, 2024.
© Agalma para a língua portuguesa, 2024.
1ª edição: março, 2024

Editor

Marcus do Rio Teixeira

Diretora da Coleção De Calças Curtas

Julieta Jerusalinsky

Projeto gráfico da capa e primeiras páginas

Homem de Melo & Troia Design

Tradução

*Carlos Eduardo Reis, Francisco Franke Settineri, Natasha Jerusalinsky
e Vera Lúcia de Mattos Nogueira*

Revisão

Solange Fonseca

Composição eletrônica

Joaquim Lago

Todos os direitos reservados

ágalma

Av. Anita Garibaldi, 1815
Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401
40170-130 Salvador-Bahia, Brasil
Tels: (71) 3042-5947

✉ agalma@agalma.com.br

🌐 www.agalma.com.br

📷 [agalmabebescriancas](https://www.instagram.com/agalmabebescriancas)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Janela janelinha-- : psicomotricidade na primeira
infância : corpo e sujeito em estruturação /
organização Zulema Garcia Yañez, Julieta
Jerusalinsky. -- 1. ed. -- Salvador, BA :
Ágalma Psicanálise, 2024. -- (Coleção calças
curtas)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86488-12-8

1. Educação 2. Infância 3. Psicomotricidade
4. Psicanálise I. Yañez, Zulema Garcia.
II. Jerusalinsky, Julieta. III. Série.

24-194149

CDD-150.195

Sumário

Prefácio, 09

Zulema Garcia Yañez e Julieta Jerusalinsky

Introdução: Janela, janelinha ... A travessia da 1ª infância do organismo ao corpo de um sujeito desejanete, 23

Julieta Jerusalinsky e Zulema Garcia Yañez

A especificidade da Psicomotricidade permeada pela Psicanálise e a estruturação do corpo de um sujeito do desejo

Desde o verbo de Nicolás: a transferência na terapêutica do instrumental, 57

Zulema A. Garcia Yañez

Psicomotricidade e seus conceitos fundamentais: esquema e imagem corporal, 70

Zulema A. Garcia Yañez

Psicomotricidade e deficiência mental: a intervenção clínica num conto de fadas, 89

Zulema A. Garcia Yañez

Psicomotricidade na infância: corpo e sujeito em estruturação,

Zulema A. Garcia Yañez, 100

Referências históricas e fundamentos teórico-clínicos da Psicomotricidade na clínica interdisciplinar dos problemas do desenvolvimento infantil permeada pela Psicanálise

Foto 1 - ZULEMA GARCIA YAÑEZ e JEAN BERGÈS

[Legenda: Zulema Garcia Yañez e Jean Bergès. Buenos Aires 1º de novembro de 1997 na 2ª Jornada *Reflexión Teórica en Psicomotricidad*, organizada pela *Asociación Argentina de Psicomotricidad* (A.A.P.) em seu aniversário de 20 anos]

Foto 2 -ALFREDO JERUSALINSKY com LYDIA CORIAT e JULIAN DE AJURIAGUERRA

[Legenda: Lydia Coriat, Julian de Ajuriaguerra e Alfredo Jerusalinsky em Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria Infantil. Rio de Janeiro, 2 a 6 de setembro de 1979]

Atualidade do pensamento de Ajuriaguerra: uma contribuição decisiva para a construção do campo da Psicomotricidade como disciplina no âmbito da saúde, 113

Alfredo Jerusalinsky: entrevista de Monica Rodriguez

O corpo e o olhar do Outro, 144

Jean Bergès

Função estruturante do prazer, 164

Jean Bergés

Lesão real e lesão fantasmática, 176

Jean Bergès

Os transtornos psicomotores na infância, 184

Jean Bergès

Notas sobre os transtornos instrumentais e as desarmonias evolutivas, 223

Jean Bergès

Debilidade e transtornos instrumentais, 231

Jean Bergès

Interlocuções sobre a clínica psicomotora contemporânea

“Relaxação terapêutica J. Bergès”: o que há de novo?, 243

Marika Bergès-Bounes

Algumas considerações para problematizar os conceitos de transtorno e sintoma psicomotor na prática psicomotora, 255

Claudia Beatriz Sykuler

Percurso conceitual e clínico na perspectiva da Psicomotricidade para pensar a Inibição Psicomotora, 273

Silvia Saal

A função do jogo e da ficção: plasticidade simbólica, 287

Esteban Levin

O mal-estar corporal na contemporaneidade: presença/ausência
do corpo, 301

Claudia Santos Jardim e Vera Lucia de Mattos Nogueira

Às crianças que interrogam o mundo
e aos colegas com os quais
trabalhamos, pensamos e sonhamos
juntos transformando a realidade

Apresentação

Caro leitor, desde os conceitos históricos que trazem alicerces fundamentais à práxis contemporânea da psicomotricidade perpassada pela psicanálise, este livro é um convite a sustentar infâncias nas quais o movimento do corpo, sua postura e seu gesto possam inscrever-se, serem lidos, postos em movimento e convocados a comparecer a partir de uma história familiar, social e cultural diante da qual os infantes possam produzir suas respostas inventivas. Para isso é preciso que o saber do clínico ou educador que intervêm na infância zele e dê sustentação para a construção do corpo atrelado ao prazer de realizações das quais a criança possa se sentir protagonista enquanto sujeito de seu desejo e não objeto, com o corpo submetido a uma técnica.

Zulema Garcia Yañez é autora e realizadora dessa práxis transdisciplinar há mais de 50 anos, trazendo-nos neste livro, junto aos demais autores, o testemunho de um modo de intervir no qual, ali onde os sintomas cristalizam sofrimentos e as precipitações diagnósticas fecham a porta, é possível produzir brechas, sustentando abertas as janelas e as janelinhas do corpo erógeno, para que a decisão do sentido do viver de cada criança possa vir a ocorrer em nome do seu desejo. Convidamos cada leitor a embarcar nessa aventura de leituras e tratamentos nos quais o caminho não está traçado de antemão.

Julieta Jerusalinsky

Prefácio

Diversos são os motivos pelos quais reunimos estes escritos. Alguns deles testemunham o caminho teórico-clínico transitado no processo de formação da especificidade da psicomotricidade perpassada pela psicanálise enquanto intervenção com o corpo em movimento de um sujeito em estruturação ao longo da infância. Outros são textos históricos de mestres que contribuíram com conhecimentos fundamentais e profundamente atuais para este campo. Também estão presentes aqui capítulos de queridos parceiros e interlocutores cruciais na sustentação do campo psicomotor da contemporaneidade.

Por isso, este livro está escrito a muitas mãos, e os que não estão aqui como autores podem ter certeza de que são evocados ao longo das memórias acunhadas em 60 anos de trabalho com a infância na educação e na clínica.

A infância é um tempo da vida em que o corpo e o sujeito estão em estruturação. Tempo de abertura de janelas, não apenas

neurológicas, mas também pulsionais enquanto brechas para a inscrição significativa do corpo e a erogeneização da palavra desde as quais, de modo indissociável, se vetoriza a pulsão e se decidem os rumos do sentido de viver. Por tais janelas, a pulsão pode ir se estendendo a partir das zonas erógenas e os prazeres podem ir se diversificando alinhavados em movimentos relançados, uma e outra vez, pelos significantes singulares com que se tece o fio do desejo desde o início da vida de um bebê. Inicialmente é imprescindível que este fio seja fiado no laço com um Outro encarnado não anônimo sustentando os jogos de litoral com o bebê e o brincar com a pequena criança. Eis porque este livro se intitula *Janela, Janelinha...*

No capítulo de abertura, escrito de modo conjunto pelas organizadoras deste livro, marcam-se as graves consequências de submeter bebês e pequenas crianças da contemporaneidade a escrutínios de *check-lists* que despejam sobre eles signos psicopatológicos que, por uma lógica indutiva, acabam por realizar o que vão procurar. A consequência disso é a imposição de um artificialismo que situa os pais como verificadores de transtornos diante da produção corporal espontânea do bebê, em lugar de que se abra caminho para os movimentos desejantes que os situam dentro da cena dessa produção como aqueles que sustentam um laço de filiação. Desse modo, o laço pais-bebês se desamarra da singularidade desejante e fica repuxado em um jogo de ligue-ligue que tem fixados de antemão os pontos aos que se atribuirá significância, e o caminho a percorrer fica previamente traçado desde o anonimato das instruções técnicas. Nesse ligue-ligue de supostas evidências, a imagem inconsciente do corpo é capturada (tal como o desenho das constelações desde

as quais no passado se supunha a inscrição prévia de um destino) pela égide da patologia, e se dá por traçado um destino como já estando decidido no tempo da largada da inscrição do bebê como sujeito do desejo. Aniquila-se, assim, a possibilidade de que viver possa ser uma aventura pela qual o saber inconsciente e o enigma do desejo possam se relançar entre gerações.

Propomos, então, sustentar a condição da infância acima da de patologia como um tempo de janelas neurológicas e janelas pulsionais de abertura a inscrições. Sublinhamos também a diferença que há entre o sofrimento de um adulto, que pode ser posto em palavras, o da criança, passível de ser posto em cena pelo brincar de faz de conta e o do bebê, que ainda não conta com a palavra e o brincar como recursos de simbolização próprios. Por isso, o bebê paga com a sua libra de carne, com suas primeiras respostas dadas a ver em seu corpo pela vetorização ou desnortamento de seus circuitos pulsionais. Será preciso ali que o clínico sustente uma leitura em contexto para que a palavra e o brincar possam metaforizar o que faz obstáculo, podendo rearticular as fraturas do laço do bebê com o Outro encarnado.

Nessa direção, o capítulo de abertura faz uma especial homenagem *in memoriam* ao fisioterapeuta e psicomotricista Jorge Garbarz, clínico integrante da equipe da Dra. Lydia Coriat em Buenos Aires, cujos ensinamentos eram transmitidos muito mais por compartilhar sua práxis em equipe transdisciplinar, pelo acolhimento e acompanhamento conjunto dos pacientes, do que pela escrita, meio no qual não deixou muitos registros em papel. Assim, ele é evocado no recorte de uma experiência compartilhada de *Estimulación Temprana* no serviço por ele coordenado no Hospital Durand, que revela a imprescindível importância de que

a intervenção clínica abra lugar para que um bebê seja suposto enquanto um sujeito que pode saber e ter potência em seu corpo com e para além dos diagnósticos orgânicos.

Contamos, neste livro, com a participação de Alfredo Jerusalinsky, companheiro histórico das grandes lutas ideológicas e interlocutor na construção da clínica da infância, que tem produzido e transmitido conceitos da psicanálise, pondo-os a trabalhar na especificidade do campo dos problemas do desenvolvimento infantil – tais como: eixos da prática clínica inter e transdisciplinar ou as estruturas não decididas na infância –, perpassando a articulação teórico- clínica das intervenções instrumentais, entre as quais a de psicomotricidade, e constituindo seus alicerces fundantes. Ele nos oferece uma entrevista realizada como parte da pesquisa produzida na *Universidad Nacional de Tres de Febrero*, de Buenos Aires/ Argentina onde se ministra o curso de Psicomotricidade, sobre **Atualidade do pensamento de Ajuriaguerra: uma contribuição decisiva para a construção do campo da psicomotricidade como disciplina no âmbito da saúde**. Este texto tem muitas informações da história do mestre Ajuriaguerra e de suas posições clínicas sobre como pensar a articulação entre o orgânico e o psíquico; além do conceito de diálogo tônico na articulação entre linguagem e organismo, central para refletirmos acerca de como o discurso e o corpo estão enlaçados e vão se entrelaçando desde os primórdios da estruturação de um bebê.

No *Manual de Psiquiatria Infantil*, capítulo VIII, o Dr. Ajuriaguerra conceitualiza os quadros psicomotores que, com tanta avidez, os psicomotricistas estudamos desde os anos 70. Ele sustenta a importância da prática interdisciplinar e a necessidade de uma equipe para dar precisão diagnóstica e interventiva na clínica da infância. Resgata as produções de Wallon, Freud, Dupré e os aspectos cognitivos de Piaget. Foi em 1979, no Congresso da ABENEPI no Rio de Janeiro, que Lydiá Coriat, Alfredo Jerusalinsky e eu, Zulema, conhecemos o grande mestre em um encontro registrado em foto histórica. Daí a importância dessa entrevista que compõe este escrito.

Para pensarmos na construção do corpo do bebê, contamos como o imprescindível texto do Dr. Jean Bergès **O corpo e o olhar do Outro** no qual refere o lapidar conceito de *corpo receptáculo*, para situar que o corpo não nasce constituído, mas que se constitui mediante as inscrições significantes que se produzem na medida em que este é assujeitado ao outro, sendo receptáculo da erotização introduzida como prazer pelos desejos maternos inconscientes que nele irão se inscrever. *Supondo uma inscrição, pode se captar a significação dos distúrbios e estabelecer uma terapêutica em cujo centro estará o corpo, o corpo do homem que fala*, articula Bergès ao situar a relação entre a postura e a motricidade e as características

quando se encontram perante o olhar do outro, produzindo efeitos que caracterizam os quadros clínicos psicomotores.

E quando uma lesão acomete o real do corpo da criança? O autor, no capítulo **Lesão real e lesão fantasmática**, diz das consequências que isso tem na ordem simbólica, na medida em que o bebê não está no lugar em que a mãe o espera, e das decorrências disso também na ordem imaginária, afetando as identificações e introduzindo *lesões fantasmáticas* tantas vezes muito mais limitantes do que as limitações das lesões reais em si. Refere que as intervenções reeducativas de caráter reparador podem ter efeitos iatrogênicos, situando como é necessário nesses casos que, na intervenção clínica, se abra lugar para a elaboração do luto do perdido.

No capítulo **Os transtornos psicomotores na infância**, Bergès caracteriza os sintomas psicomotores diferenciando-os de quadros orgânicos nos quais há lesões no sistema nervoso central. Situa como há um estilo de funcionamento psicomotor na relação da criança com o mundo exterior através do corpo, da atividade, da gestualidade e da postura-motricidade, sendo esta a via de expressão que a criança tem. Analisa a hipotonia do lactente, os transtornos do ritmo, as manifestações tônico-motoras e as descargas tônicas. Refere também os transtornos psicomotores na criança: as instabilidades, a inibição psicomotora, as distonias de atitudes, a câibra do escritor,

os tiques, as imperícias, a debilidade motora de Dupré, os retardos motores, a imperícia da lateralidade e as dispraxias. Os transtornos psicomotores se tornam presentes por meio da realização gestual, porém não são da ordem exclusiva do imaginário e, sim, produzidos perante o lugar e o desejo do Outro, estando atrelados à condição do corpo enquanto receptáculo.

O autor nos convida a pensar como na realização psicomotora do gesto estão implicados, por um lado, o equipamento neurológico da tônico-motricidade e, por outro, a função articulada ao prazer de produzir o funcionamento que atinge sua realização perante o olhar desejante do outro. Esses conceitos estão amplamente tratados no capítulo **Função estruturante do prazer** no qual refere que o psicomotricista leva em conta seu olhar desejante na realização do funcionamento, o que implica pelo menos dois nesta história: o sujeito e o terapeuta.

No capítulo **Debilidade e transtornos instrumentais**, Bergès trata as relações entre a motricidade e a deficiência intelectual. Toma, para isso, conceitos de Jean Piaget sobre a estrutura cognitiva e de Barbèl Inhelder a respeito da deficiência intelectual, na qual a viscosidade é uma característica que interfere na passagem de um estágio a outro do desenvolvimento cognitivo. Refere outras pesquisas que abordam a relação entre a debilidade e as praxias espaciais, bem como a debilidade e a psicomotricidade.

No capítulo **Notas sobre os transtornos instrumentais e as desarmonias evolutivas**, o autor convida-nos a criar instrumentos para medir e aprimorar a abordagem terapêutica, abrindo reflexões sobre a importância do modo de abordar a criança e suas dificuldades, sendo crucial tratá-la e compreendê-la em lugar de aplicar metodologias reeducativas reparatórias.

Marika Bergès-Bounes, no capítulo **Relaxação terapêutica J. Bergès: o que há de novo?**, refere que este método foi introduzido na década dos anos 60 pelo Dr. J. de Ajuriaguerra, J. Bergès e colaboradores no Hospital Saint-Anne para atender crianças com dificuldades com o corpo e com a linguagem, sendo também utilizado em grupos de adultos. Ela conta que o Hospital Saint-Anne (serviço que esteve, no início, a cargo do Dr. Ajuriaguerra e, depois, do Dr. Bergès) foi um laboratório de ideias e de elaborações sobre o corpo da criança, como experiências relativas ao estágio do espelho, retomado mais tarde por J. Lacan. Situa como J. Bergès considerou a importância da “Competência do corpo para sustentar o significante”, sendo esta a base teórica da relaxação terapêutica que possibilita o anodamento dos três registros: real, simbólico e imaginário. Na relaxação terapêutica, o terapeuta oferece significantes que se colam ao corpo, na situação transferencial entre a criança e o terapeuta. Isto possibilita pensar, descobrir,

interrogar aquilo que se repete, propiciando a conquista da autonomia e o acesso ao simbólico do corpo.

Agradecemos especialmente a Marika Bergès-Bounes, não só pela sua participação neste livro com seu capítulo esclarecedor sobre a **Relaxação Terapêutica**, marca registrada do legado de Jean Bergès, mas também pela sua autorização para publicar os textos do mestre, muito lidos e estudados pelos clínicos da infância, especialmente pelos psicomotricistas.

No capítulo **Algumas considerações para problematizar os conceitos de transtornos e sintoma psicomotor na prática psicomotora**, Claudia B. Sykuler realiza um trabalho de pesquisa, revisando noções conceituais como: transtorno, sintoma e problema psicomotor. Interroga como as transformações de tais conceitualizações se refletiram na abordagem terapêutica. Refere o conceito de *construtividade corporal* como cruzamento entre o equipamento neurobiológico e a estrutura psíquica, como um enlace entre o somático e o psicossocial, que tem um caráter singular. Observa criticamente a tendência contemporânea a medicalizar e patologizar a infância, assim como o uso de terapias comportamentais perigosas para as operações de subjetivação.

Silvia Saal, no capítulo **Percurso conceitual e clínico na perspectiva da psicomotricidade para pensar a Inibição Psicomotora**, interroga as origens de

tal quadro no qual a função inibitória atua bloqueando a liberdade tônico-motora e a redução motora. Realiza uma nova classificação da inibição psicomotora conforme o modo de expressão clínica: *vigilante, vacilante e misto*, apontando a importância de levar em conta o momento de desenvolvimento evolutivo em que se constituem as perturbações na relação entre o bebê e o Outro primordial, bem como de conhecer as formas de expressão da inibição psicomotora para orientar a intervenção. Desse modo, abre reflexões sobre a prevenção na educação e na clínica.

No capítulo **A função do jogo e da ficção: plasticidade simbólica**, Esteban Levin trata de como a produção ficcional própria da infância sustenta, na clínica psicomotora, um brincar que possibilita o trânsito entre a realidade e a fantasia, propiciando situações que articulam motricidade e linguagem. Também abre reflexões críticas à tendência contemporânea de rotular a infância, que fica enquadrada com o nome da patologia, em detrimento de apostar nos efeitos da plasticidade simbólica como possível recurso de realização das fantasias infantis.

Duas queridas e antigas colegas da ABP (Associação Brasileira de Psicomotricidade), Claudia Santos Jardim e Vera Lucia de Mattos Nogueira, estão presentes neste livro com o capítulo **O mal-estar corporal na contemporaneidade: presença/ausência do corpo**, no qual abrem reflexões sobre a preocupação contemporânea que coloca o corpo no

centro das atenções, referindo o conceito de *modernidade líquida* por meio da qual o sujeito torna-se objeto e as relações podem ser desfeitas, desconectadas e descartadas. Interrogam como é possível estruturar um sujeito e construir um corpo nessas condições, desde as quais tudo pode ser trocado e descartado, trazendo um recorte clínico no qual, por meio da intervenção em relaxação terapêutica com o método Bergès-Bounes, a paciente pôde ressignificar seu corpo e construir sua própria história.

Para finalizar esta breve apresentação dos escritos do livro, conto ao leitor que há três capítulos que denotam um registro histórico do processo de formação teórico-clínica da intervenção da psicomotricidade no campo dos problemas do desenvolvimento infantil perpassado pela psicanálise.

No capítulo **Desde o verbo de Nicolás: A transferência na terapêutica do instrumental** (1989), aparece a clara crítica à intervenção multidisciplinar, fragmentadora dos funcionamentos, e dos métodos reeducativos que utilizam técnicas e procedimentos que se aplicam na criança, na tentativa de assim normalizar suas funções afetadas. A mudança de paradigma na modalidade da intervenção produzida pelos efeitos da teoria e da práxis psicanalítica, perpassando as disciplinas instrumentais, foi transformadora. Com ela, passamos a colocar, no eixo da intervenção, a criança como sujeito de desejo e o especialista já não mais como quem impõe o método e, sim, como aquele

que sustenta escolhas com sentido para que o sujeito possa vir a produzir funcionamentos possíveis e desejados, agora não mais anônimos. Desde essa perspectiva, as intervenções já não são normativas, a serviço de um desempenho, mas abertura para um funcionamento significativo a partir do qual as crianças possam apropriar-se do seu corpo e das suas produções. Com isso, passa-se a outra mudança paradigmática: da multidisciplinar à interdisciplinar e, desta, à intervenção transdisciplinar.

Assim, a intervenção clínica passa a ser realizada a partir do brincar espontâneo em transferência. Também mudou o lugar que o especialista ocupa, pois, da suposta completude em relação a seu saber técnico que submete e aliena a criança, passou a ocupar outro desde o qual, ao saber que não está sabendo tudo em relação aos problemas do seu paciente, abre a possibilidade de se interrogar, propiciando o surgimento do sujeito do desejo na criança.

O capítulo **Psicomotricidade e deficiência mental: a intervenção clínica num conto de fadas** (1992) aborda como, mediante o brincar, a criança pode ressignificar situações, possibilitando a passagem do conflito à sua simbolização. Como identificar os aspectos instrumentais nesta modalidade de intervenção? Podemos observar, no caso clínico escolhido, aspectos referidos à apropriação dos hábitos de vida, à construção do esquema corporal, do projeto motor, da imagem corporal, da organização práxica,

das noções espaço-temporais, dos ritmos e das mudanças tônico-posturais, como aspectos presentes e articulados no brincar da criança. A partir do trabalho realizado com uma criança com síndrome de Down, retomamos conceitos sobre a estruturação cognitiva conforme a teoria epistêmica de J. Piaget e as características da deficiência intelectual estudadas por Barbël Inhelder.

No capítulo **Psicomotricidade e seus conceitos fundamentais: esquema e imagem corporal** (1994), foi realizado um percurso conceitual referindo autores que contribuíram na elaboração desses conceitos, bem como os campos epistêmicos que sustentaram a prática clínica da Psicomotricidade com a influência da medicina, da psicologia e da psicanálise, cada um sustentando características próprias na modalidade da intervenção.

A partir do paradigma da psicanálise, refere-se a importância do estágio do espelho para a unarização imaginária de um corpo que é vivido até então de forma fragmentada. Sem imagem inconsciente do corpo, não há esquema corporal. Por meio do caso clínico, considera-se a articulação dos três registros – real, simbólico e imaginário – do corpo na clínica psicomotora, ao se levar em conta não só o corpo orgânico, mas também a sua representação, e não apenas a produção dos movimentos, como também a significação que esta assume, considerando o esquema e a imagem corporal.

O capítulo **Psicomotricidade na infância: corpo e sujeito em estruturação** (2021) aborda como a estruturação do sujeito e a construção do corpo se produz no laço com o Outro encarnado. Nos primeiros tempos de vida, é quem sustenta a função materna que se preocupa de produzir as marcas primordiais, realizando o mapeamento do corpo do bebê como corpo receptáculo, erogeneizando-o e pulsionalizando-o. O organismo, como puro biológico à mercê dos reflexos inatos, irá se perdendo na sua passagem pelo Outro, possibilitando a conquista do corpo desejante do sujeito. No decorrer da infância, o psiquismo está se estruturando, passando por diversas operações e experiências constitutivas, e da mesma forma acontecerá com a construção do corpo.

Zulema Garcia Yañez e Julieta Jerusalinsky

Para concluir esta apresentação inicial, gostaria de agradecer a Julieta Jerusalinsky pelo incentivo e força realizadora para concretizar o desejo de reunir estes textos atravessados pelos seus ensinamentos na *Rede-Bebê* e no curso de especialização em *Estimulação Precoce: clínica Transdisciplinar do bebê*, nos quais aprendi a complexa e delicada trama que funda, nos primórdios de vida, a estruturação psíquica *tecida* na inscrição do corpo do bebê.

Zulema Garcia Yañez